VINGANÇA[1]

Maria da Glória Gomes

[61][2] Ela o amava ardentemente. Ele, como todos os homens, amava-a, mas comedidamente.

Não que ele a desejasse menos do que ela o desejava. Não. É que a vida, para ele, era um problema difícil de se resolver sem dramas e sem lágrimas.

Sabendo que o seu Mauro adorado, aquele que, nos primeiros dias de amor, lhe prometera o céu, tinha, em sua vida, três mulheres, Lena se considerava infeliz. Sofria em desespero, mantendo, porém, a máxima compostura.

Como no amor há muita coisa que não tem explicação aceitável, tornando-se verdadeiros absurdos, ela suportava tudo, resignadamente, pelo menos na aparência.

No dia em que se conheceram mais intimamente, firmaram um grave pacto de honra: um não criaria embaraços nem daria dissabores ao outro. Viveriam como bons camaradas, embora no meio de permanente borrasca.

Os dias iam passando.

---

[1] GOMES, Maria da Glória. Vingança. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, n. 40, p. 61, 5 out. 1940.
[2] Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

Sem que Lena o percebesse, Mauro fora, pouco a pouco, adiando os seus encontros com ela sob um pretexto qualquer.

Naturalmente, compreendera depois, ele teria que encontrar a primeira, a segunda, e ela, a terceira, a mais sacrificada, não obstante haver ele declarado gostar mais dela do que das outras...



Uma noite, ao jantar, no reservado de um restaurante de luxo da praia do Flamengo, Mauro tomou-lhe as mãos longas e morenas, e lhe disse em tom caricioso:

— Lena, meu amor... Preciso partir para São Paulo. Minha situação não me permite ficar aqui por mais tempo.

— É inevitável a tua partida?

— Sim, é inevitável.

E ajuntou pensativo:

— E se tens coragem de enfrentar duas mulheres, acompanha-me.

Lena corou e emudeceu. Quis dizer qualquer coisa, mas a sua voz se lhe apagou na garganta. Por alguns minutos, se conservou em silêncio. Depois, como num gemido de dor e de alegria, respondeu, simulando naturalidade:

— Sim, Mauro, seguirei contigo. Eu creio no destino. E parece que é ele mesmo que atira sobre os teus passos pelo mundo. Não terei coragem de deixar-te. Fazes parte integral da minha vida.

Novo silêncio. Em seguida, Lena exclamou:

— E se a primeira souber? E se a segunda descobrir o nosso romance?

Mauro, como quem tem grande experiência das mulheres, sorriu:

— Não te preocupes com isso. Eu saberei defender-te. O nosso amor é superior a todas as misérias que nos cercam.

Enquanto uma lágrima brilhava nos seus olhos, Lena murmurou:

— Oh, como és generoso, meu querido! Como me sinto feliz neste momento! Agora tenho confiança em ti. Partiremos imediatamente?

— Hoje, não é mais possível. Amanhã.

No dia seguinte, pelo noturno paulista, seguiram os dois amorosos. A viagem foi magnífica.

Em São Paulo, foram para um hotel, onde tudo, a princípio, decorreu normalmente. Nada parecia perturbar aquela felicidade aparente, cujo ritmo era regulado pelo palpitar de dois corações apaixonados.

Uma noite, Mauro voltou-se para Lena e avisou:

— Querida, hoje preciso de sair. Talvez passe a noite fora.

Lena estremeceu. Mas não quis acreditar na franqueza do amante.

— Irás encontrar com a primeira ou com a segunda? — disse ela com ironia.

— Oh, amor! Não me tortures, não sejas como as outras! És bastante inteligente e certamente saberás compreender tudo. Do contrário, terei que te dizer a verdade. E não quero te fazer sofrer. O nosso pacto, quando nos conhecemos, foi "não criarmos embaraços nem darmos dissabores um ao outro..." No entanto...

— Tens razão, meu amor. Não te quero ser importuna. Dá-me um beijo. Um só, e vai...

E, num impulso irrefreável lança-se-lhe ao pescoço, beijando-o doidamente.

Mauro, enternecido, retribuía aquela fremente expansão.

As mãos de Lena tatearam, crispadas, a cabeça do homem. Alisaram-lhe os cabelos e desceram até a nuca. De repente, ela começou a praguejar, incoerentemente! “Infame... Bandido... Meu amor... Desgraçado...” E, enquanto isso, os seus dedos apertavam, mais e mais, a garganta de Mauro.

Quando as pernas dele se dobraram e o corpo tombou inanimado, Lena caiu também sobre ele, beijando-o e soluçando.

Olhos esgazeados, cabelos em desalinho, pálida e ofegante, ela se ergueu em seguida. Recuou um instante para olhar o companheiro morto, estirado sobre o soalho.

Depois, corrigiu a toalete, endireitou os cabelos, recompôs a fisionomia e saiu.

Fechou a porta do quarto e desceu as escadas do hotel.

Eram dez horas da noite. Uma noite fria, garoenta, melancólica.

Lena saiu vagando pelas ruas.

Uma hora depois, chega a um leito de estrada de ferro.

Um trem se aproximava, com o seu grande olho de fogo e de morte.

Ela nem deu por isso. Continuou a caminhar pelo centro da via-férrea...

Foram inúteis todos os esforços do maquinista para fazer parar o comboio.

Só quase um quilômetro depois de haver esfacelado o corpo de Lena, foi que a locomotiva parou...

FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga
Preparação: Malu Schocair
Comunicação Digital: Rebeca Riga
Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra
Biblioteca digital de narrativas obscuras brasileiras